

CISION®

PRESS BOOK

Fidelidade Arte recebe exposição "Limiar da Trilogia"

CISION®

Revista de Imprensa

1. Agenda de Exposições, Activa, 01/04/2022	1
2. O que (é) arte, cura, Activa, 01/04/2022	2
3. Limiar da Trilogia, Agenda Cultural de Lisboa Online, 28/03/2022	6
4. Ângelo e J. P. Feliciano em Serralves e Culturgest Porto, Jornal de Letras, Artes e Ideias, 23/03/2022	7
5. "Limiar da Trilogia": três artistas superam todos os limiares e criam, Imprensa de Hoje Online, 21/03/2022	8
6. "Limiar da Trilogia": três artistas superam todos os limiares e criam, Jornal Económico Online (O), 21/03/2022	10
7. Fidelidade promove exposição colectiva com curadoria do Manicómio, Marketeer Online, 18/03/2022	12
8. A arte no limiar da mente, os filhos do colonialismo e Menez: três exposições a não perder, Observador Online, 18/03/2022	13
9. A loucura nossa de cada dia chega ao Chiado, Público - Ípsilon, 18/03/2022	14
10. A loucura nossa de cada dia chega ao Chiado, Público Online, 18/03/2022	16
11. Micaela Fikote as caras que são a sua, Público - Ípsilon, 18/03/2022	17
12. Fidelidade Arte recebe exposição "Limiar da Trilogia", CNC - Centro Nacional de Cultura Online - E-Cultura Online, 17/03/2022	18
13. Exposições, Visão, 17/03/2022	21
14. Fidelidade Arte recebe exposição "Limiar da Trilogia", Cultura e Não Só! Online, 14/03/2022	22



1. LIMIAR DA TRILOGIA

É como se chama a exposição patente até 20/5 no espaço Fidelidade Arte (Lg. do Chiado) com obras de três artistas plásticos do projeto Manicómio: Micaela Fikoff, Anabela Soares e Pedro Ventura. Imprescindível!

2. MOLDADA NA ESCURIDÃO

Instalação imersiva e sensorial da autoria de Hugo Canoilas, em que o artista convida os visitantes a explorar as esculturas que representam os diferentes ecossistemas existentes no fundo do mar. No Museu Gulbenkian.

exposições





SOCIEDADE

Em baixo: duas peças de Micaela Fikoff da sua coleção 'Os meus Aversos', bordado em lã sobre tecido de linho. Ao lado, o espaço do projeto Manicómio.



O QUE (É) ARTE, CURA



Em cima: desenho do artista residente Zê dos Castelos
Em baixo: peça de Cláudia Sampaio



À esq.: guache acrílico sobre papel de Carol Carvalhal
Em cima: pintura de Joana Ramalho

FOTOS: DR



Do preconceito, do olhar crítico, da marginalização. Estes são alguns dos objetivos do **Manicómio** (sim, é mesmo esse o nome) que começou por ser um projeto com **artistas com experiência de doença mental** e que se tornou também uma referência no ativismo pelos direitos humanos.

Texto GISELA HENRIQUES

Quando tomei conhecimento deste projeto, confesso que no primeiro segundo em que ouvi o nome Manicómio associado a artistas com doença mental diagnosticada estranhei, mas depois percebi que é mesmo isso que se pretende, sair do politicamente correto, retirar àquela palavra a conotação pesada e negativa, e brincar com ironia. Convenhamos que se chamasse 'Amigos das Artes', passávamos por ele e nem dávamos conta. "Este projeto é uma pedrada no charco, no preconceito e nas ideias-feitas em relação às pessoas com doença mental, quer normalizar, vincular a ideia de que essas pessoas podem acrescentar valor", diz Sandro Resende, cofundador deste projeto que nasceu há 3 anos. "Estou há 22 anos à frente das Artes Plásticas do Hospital Júlio de Matos, comecei tudo o quanto era arte por lá, teatro, exposições, concertos... Comecei a trabalhar assim como uma ferramenta ao serviço dos artistas do Hospital Júlio de Matos e percebi que eles tinham muita qualidade e, acima de tudo, algo que não se consegue fabricar, a autenticidade. De facto, havia ali pessoas que faziam coisas incríveis, só que para ir mais além deparei-me com a máquina enorme que é um hospital, e as burocracias não permitem que se vá mais longe com estas pessoas. Foi por isso que abri o Manicómio, alguns anos depois (risos), para complementar o que tinha feito no Hospital Júlio de Matos, com regras muito mais soltas. Por exemplo, aqui não têm horários, vêm quando querem porque têm a chave do espaço. Mas, atenção, isto não é uma terapia, isto é um espaço de trabalho, é um atelier de artistas. O Manicómio começou

por ser um projeto de arte com pessoas com experiência de doença mental, mas neste momento somos mais que isso, trabalhamos também a parte do ativismo e dos direitos humanos, trabalhamos com a OMS, com a ONU, com empresas como a Arcádia, a Vodafone, CUF, SMEG... Estamos aqui para trabalhar e trabalhar bem. Sou muito exigente com os artistas que estão connosco, e neste momento são 15. Esta exigência que temos aqui é também uma forma de combate à saúde mental e ao estigma que as pessoas com doença mental sofrem. Quer estejam a trabalhar para empresas, quer estejam a trabalhar para as exposições que fazemos com alguma frequência, eu não tenho, nem posso ter, qualquer problema em dizer que um determinado trabalho não é bom e que não tem qualidade. Sou sempre o mais sincero possível, faço crítica construtiva, como é óbvio, e nunca houve problema. Eles sabem que se o faço é para eles não ficarem malvistos, assim como o Manicómio e o estigma da saúde mental. Não há facilitismo ou paternalismo, se assim fosse não estávamos a fazer a nova coleção da SMEG ou não trabalhávamos com a Viúva Lamego... Só trabalhamos com as marcas se lhes acrescentarmos valor, não é caridade, não se trata de uma exposição de 'coitadinhos'. Ao princípio, as marcas vinham ter connosco no formato de responsabilidade social, e o meu trabalho no Manicómio é precisamente dizer às marcas 'olhe, isso podem fazer com outras associações, connosco isso não faz sentido, as pessoas que aqui trabalham têm uma doença mental, há quem tenha depressão, quem seja bipolar ou tenha esquizofrenia, mas são pessoas iguais a nós, tomam a sua medicação como tomam as pessoas que têm doença cardíaca ou diabetes." O grande problema para Sandro é não poder aceitar mais pessoas que querem pertencer ao Manicómio, e dizer-lhes 'não' é muito difícil, "ficam muito chateadas mesmo, mas neste momento não temos condições para as ter. Atualmente, temos >



15 pessoas a trabalhar para nós, mais cinco na equipa de design, todas com doença mental diagnosticada, e há aproximadamente duzentas em lista de espera”.

INSPIRAÇÃO 360º

Uma das artistas plásticas que conseguiu entrar no projeto foi Micaela Fikoff e está no Manicómio há pouco mais de um ano. Fui ter com ela àquele espaço para conversarmos à vontade e conhecer o ambiente de trabalho. Quando pensamos na palavra manicómio, o que nos vem à cabeça é um lugar lúgubre, cinzentão, pesado, mas este está nos antípodas desta descrição. Por fora ninguém adivinha o que está lá dentro. As paredes perfeitamente caiadas de branco e o grande portão cinzento são bem bonitos, mas o interior supera quaisquer expectativas. Aquilo que parecia ser uma casa normal, quando se abre o portão deparamo-nos com um gigante armazém cheio de luz, em open space, com um pé-direito enorme, teto com travejamento em madeira e uma vista maravilhosa sobre o rio Tejo. É difícil fixar o olhar porque há muito para descobrir e, no entanto, tudo parece estar no seu devido lugar. A cor dos sofás e cadeiras chama a atenção, assim como as mesas de trabalho enormes onde se sentam os artistas, e muita arte, nas paredes, sobre as secretárias. Há quem esteja concentrado no seu trabalho e outros que trocam ideias, mas não há o ruído característico do open space. Um ambiente vibrante e bem positivo. Desço as escadas à procura de um rosto familiar e de repente vejo um braço lá no fundo a acenar-me, acelero o passo mas sempre a tentar observar as peças de arte pelas quais vou passando. Definitivamente, o que ali vejo não é ‘ocupação de tempos livres’, é ‘the real deal’.

SEM PRECONCEITO

Micaela põe-me logo à vontade e sentamo-nos nuns sofás supercoloridos enquanto me conta a sua história. Nasceu no Brasil, veio para Portugal com quatro meses e ficou aqui até aos 10 anos, tendo depois regressado ao país natal. Desde pequena que tem um lado artístico muito vincado, “talvez por meu pai ser arquiteto e minha mãe também ter dons artísticos. Na hora de escolher faculdade voltei para a Europa e fiz Design Têxtil em Itália. Casei e voltei para o Brasil, mas na altura não consegui emprego na minha área, porque me tinha especializado em estamparia e nessa época o Brasil não criava nada, todos os desenhos têxteis eram copiados aqui da Europa e eu acabei entrando noutro ramo, mas a arte sempre

A IMPORTÂNCIA DE CRIAR

Nem todos somos artistas, mas todos beneficiamos da criação de algo com as mãos. A ligação mão-cérebro é muito importante e crucial para o nosso desenvolvimento como indivíduo. É por isso que é crucial que as crianças tenham contacto com materiais que possam tocar e criar sem restrições, e treinem a sua motricidade fina. Para os adultos, trabalhar o barro, pintar, tricotar, desenhar e fazer jardinagem são atividades que melhoram a nossa neuroplasticidade ao criar novas ligações entre os neurónios, assim como ajudam a libertar serotonina e endorfinas que reduzem o nível de cortisol, a hormona do stresse. Para a neurocientista Kelly Lambert, estas atividades podem inclusive reduzir o risco de depressão, se combinadas com terapia.

esteve muito presente na minha vida. Fui trabalhar em eventos, que é também uma área onde há muita criatividade.” Há três anos, o seu filho decidiu estudar em Portugal e Micaela optou por vir também, até porque tinha os pais e o irmão a morar cá. “Apesar de eu estar trabalhando numa empresa onde fazia design para calçado infantil, há um tempo que vinha desejando ter uma vida mais tranquila e quando o meu filho decidiu vir para cá fazer faculdade decidi que vinha para Portugal também. Só que não foi fácil. O primeiro ano eu estava bem, mas no segundo fiquei muito mal... não é fácil a gente construir a vida do zero, apesar de ter família aqui, a cultura é diferente, me senti muito isolada e a pandemia não ajudou. Arranjei um trabalho numa agência de filmes publicitários e depois numa pequena pousada em Cascais, um lugar lindo, mas eu já não estava bem. Acho que o que não estava bem no Brasil, aqui estourou tudo... as dificuldades financeiras não ajudaram, o facto de ter deixado a minha casa no Brasil, não é fácil... Quando aceitei o trabalho na pousada eu já estava doente e tive de ser internada, apesar de não querer. É estranho, mas eu queria morrer e ao mesmo tempo tinha receio de perder o trabalho. As pessoas da pousada esperaram o mês do meu internamento e me contrataram de volta, inclusive foram visitar-me ao hospital. Tive a sorte de não sofrer qualquer tipo de preconceito. Felizmente, hoje em dia o assunto da doença mental é mais falado e é por isso que eu estou contando minha história também, para ajudar a desmistificar. Na verdade, eu tive dois episódios graves de depressão, e um em pequena mas esse passou despercebido. O primeiro mais grave foi quando me divorciei, o segundo foi este em Portugal. Aconteceram com 15 anos de intervalo. A diferença de um para outro é brutal, não só as terapias como a atitude das



peças, mudou muito, já se fala mais nisso, não é tabu, inclusive tem pessoas conhecidas que falam abertamente, como a ginasta americana Simone Biles. Atualmente, eu estou bem, os remédios mudam a química do nosso cérebro, mas a grande virada é a terapia, muda tudo, ainda que seja um trabalho diário. É como ir ao ginásio. O facto de eu estar aqui no Manicómio a trabalhar ajuda muito porque não só eu trabalho, como puxam por mim, pela minha arte, e sei que estou com pessoas que também, como eu, têm uma doença mental. Não há aquele problema de dizer, ao mínimo sinal, 'não estou me sentindo bem, preciso de uma consulta [psiquiátrica] e tenho-a nesse dia ou no dia a seguir.'"

"TIRAR ARTE DE DENTRO DE MIM"

Micaela descobriu o projeto Manicómio na internet e mandou o seu currículo e os seus desenhos, mas por causa da pandemia a entrevista não pode ser logo marcada. "Me disseram que havia uma lista de espera e eu não criei expectativa nenhuma, nem esperei que fosse acontecer, mas aconteceu e fui aceite. Nessa altura, eu ainda estava mal, nem conseguia comunicar bem com as pessoas, jogava todos os meus trabalhos no lixo, achava que não eram bons. Agora, posso não estar a 100% ainda, mas me sinto muito bem e isso se deve ao trabalho que venho fazendo aqui. Quando tivemos de voltar para casa, por causa da pandemia, deixei de fazer os meus desenhos a guache e comecei a bordar. Nunca tinha usado o bordado como linguagem artística, mas foi um turning point, me deu muita tranquilidade. Comecei por fazer retratos, uns rostos de forma abstrata, e quando voltámos para o Manicómio mostrei ao Sandro, que ficou encantado, tanto com o direito como com o verso dos bordados. Percebemos que tinha ali uma coleção, em que cada rosto representava um sentimento (raiva, tristeza...) que toda a gente tem, mas quando estamos num processo de doença mental mais sério, a gente sente isso mais forte, daí o nome da coleção se chamar 'Os meus Avessos'. Neste momento, estou numa fase em que só me interessa por desenhar rostos, e para a coleção seguinte eu transporte o bordado para o papel. Faço desenhos, mas com aquele traço como se fosse o pontilhado do bordado, que é o que vai estar na exposição no espaço Fidelidade no Chiado. A arte é isso, o trabalho vai levando ao seguinte e esse, por sua vez, vai levando a outro ainda. O Manicómio tem sido como uma família para mim e o Sandro conseguiu tirar uma arte de dentro de

mim que eu nem sabia que existia e que estava guardada muito no fundo. Posso dizer que, atualmente, estou muito feliz e me sinto com tanta energia que até estou conseguindo conjugar o trabalho aqui com um outro como freelancer."

ACESSO GERAL

Nem só os artistas de mão cheia podem ter acesso a este projeto, quem goste de arte e queira aprender com os melhores tem acesso aos seus workshops. São masterclasses com os profissionais do Manicómio. "Esta não é só uma forma de dar rendimento aos artistas como ajuda as pessoas a olharem para a doença mental sem preconceito, porque ali há o professor e o aluno, não há a condição de doente. As pessoas aprendem técnicas novas de arte que as ajuda a expressarem-se. Há quem aprenda e há o artista que ensina. Eu digo-lhes muitas vezes 'nós não somos a nossa doença, somos aquilo que fazemos'", sublinha Sandro Resende. Micaela já orientou vários workshops e adora, "há sempre alguém que diz que não tem jeito nenhum e é muito engraçado ver que sai dali com um trabalho fabuloso que não sabia que tinha dentro de si. Esta técnica do pontilhado que eu ensino, desconstrói na cabeça das pessoas a ideia de que desenha mal, as pessoas se entregam e fazem trabalhos incríveis." Os workshops podem ser dados na própria empresa que solicita a masterclass, como no próprio espaço do Manicómio. Também ali há outro serviço que beneficia quem não é artista profissional, que são as consultas de psicologia ou psiquiatria. "Chamam-se consultas sem paredes e são para as pessoas de fora mas a um preço muito mais baixo, 35 euros. Estas consultas podem ser feitas no nosso espaço, de uma forma muito solta, ou num jardim, ou numa sala fechada. Não é de um dia para o outro, mas não têm de esperar seis meses, o máximo dois. Começámos há três anos com dois médicos e agora trabalhamos com 15", revela Sandro. A curto prazo contam ter consultas de terapia familiar e pedopsiquiatria também.

ARTE EM SUA CASA

Este projeto subsiste sem ajudas do Estado, mas com parcerias com empresas, com marcas, concursos, workshops, exposições. A próxima é no Espaço Fidelidade Arte no Chiado, onde Micaela é uma das artistas presentes, com 97 retratos. Além disso há a possibilidade de comprar "produtos nossos aqui no Manicómio, no nosso site, no Facebook ou Instagram. Há pouco tivemos à venda uns notebooks que foram um sucesso, vendemos todos no espaço de uma semana. Lá está, o produto era muito bom, bonito, tinha qualidade. Como disse, isto não é terapia, é arte", remata Sandro. Um manicómio muito saudável. **A**

Limiar da Trilogia

Tipo Melo: Internet

Data Publicação: 28/03/2022

Melo: Agenda Cultural de Lisboa Online

URL: <https://www.agendalx.pt/events/event/limiar-da-trilogia/>

artes18 março a 20 maio 2022vários horáriosFidelidade Arte

A exposição Limiar da Trilogia decorrerá em 3 atos - 3 momentos expositivos até 16 de setembro e está centrada na ideia de limiar: o limiar social, o limiar criativo, o limiar da percepção humana, todos eles presentes na relação do indivíduo consigo mesmo ou com o outro. No confronto com as barreiras mentais e sociais, este "limiar composto" apresenta-se como uma linha forte e coerente, expressa no trabalho dos artistas do Manicómio, sinal diferenciador do valor artístico e humano em presença.

Esta exposição é um momento marcante para o Manicómio pois, pela primeira vez, será reunido num único espaço e de reconhecidos créditos na programação em arte contemporânea em Portugal, um conjunto significativo de trabalhos desta estrutura artística. Uma etapa de um caminho iniciado formalmente em 2019, que aqui simbolicamente se apresenta trifurcado em três partes.

No primeiro dos 3 atos que compõem este ciclo colaborativo da Fidelidade Arte com Manicómio participam os artistas Anabela Soares, Micaela Fikoff e Pedro Ventura, com trabalhos em escultura, desenho e vídeo.

Segunda a sexta, das 11h às 19h

Ficha técnica:

Artistas: Anabela Soares, Micaela Fikoff e Pedro Ventura

Curadoria do Manicómio

gratuito coletivadesenhoesculturavídeo

Local:

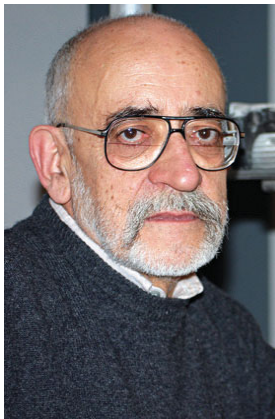
Fidelidade Arte galeria Largo do Chiado, 8 213 237 457 <https://www.fidelidadearte.pt/>
fidelidadearte@fidelidade.pt

Obter direções Partilhar

Em Serralves e Culturgest Porto Ângelo e J. P. Feliciano

Duas centenas de desenhos de Ângelo de Sousa (1938-2011) em exposição, *Árvores*, que se inaugura a 25, na Culturgest Porto. A mostra, com curadoria de Bruno Marchand, recupera uma série, a que o artista chamou justamente “Árvores”, iniciada em 1958, quando tinha 20 anos e que teve ramificações ao longo de toda a sua obra. São os seus primeiros trabalhos mais relevantes, como afirmava, apresentando-se agora alguns raramente vistos.

Ângelo de Sousa encerra o ciclo expositivo *Reação em Cadeia*, que juntou a Culturgest Porto e o Espaço Fidelidade Arte, em Lisboa, no qual se apresentaram, desde 2019, os trabalhos de vários artistas e, em mostras seguintes, as suas escolhas artísticas. A “Reação em Cadeia” teve início com Ângela Ferreira, seguindo-se Jimmie Durham, Elisa Strinna, Evan Roth, Alicia Kopf, Las Palmas, Rodrigo Hernández e Silvia Bächli. Atualmente, na Fidelidade Arte, está patente Limiar da Trilogia, o primeiro momento de um projeto do coletivo *Manicómio*, dirigido por Sandro Resende, com desenho, vídeo e escultura de Anabela Soares, Micaela Fikoff e Pedro Ventura. Até 20 de maio. Ainda no Porto, a Fundação Serralves apresenta *Ajax et*



Ângelo de Sousa e uma das suas ‘Árvores’

Plures, de João Paulo Feliciano, na Escola das Artes, no campus da Universidade Católica. A exposição reúne um conjunto de obras produzidas pelo artista desde os anos 90, pertencentes à coleção de Serralves e uma especialmente criada para aquele campus universitário. São distintas e reveladoras de diferentes momentos de um percurso marcado, nas últimas três décadas, por roturas e continuidades, por uma atitude

irónica e uma vontade experimental, em torno da música ou das tecnologias.

A mostra resulta de um acordo da Fundação de Serralves com a Universidade Católica para a exposição do seu acervo e vai estar patente ao público até novembro. Entretanto, no Museu e no Parque de Serralves, dá-se a ver e ouvir *O Testemunho das Águas*, do artista e compositor libanês Tarek Atoui. Até agosto. **JL**

“Limiar da Trilogia”: três artistas superam todos os limiares e criam

Tipo Melo: Internet Data Publicação: 21/03/2022

Melo: Imprensa de Hoje Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=16b74fde>

Começamos por invocar as palavras de Sandro Resende, diretor artístico do Manicómio. «Limiar da Trilogia» não “é uma exposição de arte bruta e muito menos uma exposição da marginalização”. Está, contudo, centrada na ideia de limiar : o limiar social, o limiar criativo, o limiar das barreiras mentais, do preconceito ou ideias feitas.

Mas limiar também significa, em sentido figurado, começo, princípio. Este é, pois, o começo de algo. Mais concretamente do momento inaugural do ciclo que vai decorrer até 16 de setembro e que resulta da colaboração entre a Fidelidade Arte e o Manicómio, responsável pela curadoria deste “Limiar”.

O público pode agora ver os trabalhos em escultura, desenho e vídeo de Anabela Soares, Micaela Fikoff e Pedro Ventura, os artistas escolhidos para integrar o primeiro de três atos, patente até 20 de maio no espaço Fidelidade Arte, em Lisboa, com entrada gratuita.

O Manicómio é um projeto que visa dar visibilidade e reconhecimento aos artistas que são excluídos do mundo da arte devido à sua doença mental. Esta exposição insere-se na estratégia do Programa de Responsabilidade Social da Fidelidade que acompanha o Manicómio desde a sua génese. “É um projeto sério, em que o artista está em primeiro lugar”, como sublinha Ana Fontoura, diretora do Gabinete de Responsabilidade Social do Grupo Fidelidade.

A exposição “Limiar da Trilogia , Ato 1” decorre até dia 20 de maio no espaço Fidelidade Arte, em Lisboa, e tem entrada gratuita.

Biografia dos artistas presentes no Ato 1

Anabela Soares: Nasceu em 1969, em Anadia, Portugal. Iniciou o seu percurso no ateliê de arte do Centro Hospitalar Psiquiátrico de Lisboa (CHPL), em 2013, e integrou a exposição coletiva “Deslocado” (2015) no Pavilhão 31 (CHPL) em Lisboa, com a sua escultura “Urso”, em conjunto com artistas brasileiros, como Alexandre Baltazar e Rafael Uzai. Expôs diversas esculturas na coletiva “Entrevista” (2016), no mesmo local, na qual também participou Emir Kusturica. Também integrou as exposições coletivas “insubordinar” (2019) no Espaço Fidelidade Chiado8 Arte Contemporânea e “Incómodo” (2020) no Museu Municipal de Faro.

A sua primeira exposição individual “Os Monstros”, teve lugar na Casa Família Oliveira Guimarães em Penela (2019), seguida de “O dia em que perdi o pé” (2020), no Museu Bordalo Pinheiro, em Lisboa. Em 2021, expôs no Museu de São Roque, em Lisboa, enquadrada no projeto coletivo “O Outro como epifania do belo”. É coautora dos vídeos-arte “Arte” e “Pátio das Emoções”, e está presente em diversas coleções privadas de arte. É representada pelo Manicómio desde 2018.

Micaela Fikoff: Nasceu no Rio de Janeiro, Brasil, em 1965, mas está desde sempre ligada a Portugal. Formou-se em design têxtil pela Polimoda em Florença, Itália, e a sua abordagem das cores é a sua imagem de marca. Reside em Lisboa, é artista Manicómio desde o início de 2021 e tem vindo a redescobrir-se no bordado.

Pedro Ventura: Nasceu em 1978, em Alenquer, e diz ser um sonhador. Já foi empregado fabril, mais tarde abraçou as letras e publicou um livro intitulado "Isso Toda a Gente Sabe", pela Editora Chiado, e vestiu a pele de letrista no álbum "Capaz", em parceria com o músico Senhor Vulcão, CD editado por Manicómio, estrutura que o representa desde 2018. Como artista plástico, participou em várias exposições coletivas, nomeadamente na LX Factory, Bienal de Ourém, "Hospital" no Panóptico do Hospital Miguel Bombarda, Museu do Oriente, Museu Soares dos Reis, Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa, Pavilhão do Conhecimento ou, mais recentemente, em 2020, no Museu Municipal de Faro. Está representado em coleções particulares.

Próximos Atos "Limiar da Trilogia":

Ato 2

27 de maio a 15 de julho de 2022

Artistas: Bráulio, Carolina Carvalhal e Cláudia R. Sampaio

Ato 3

22 de julho a 16 de setembro de 2022

Artistas: Filipe Cerqueira, Joana Ramalho e Zé dos Castelos

"Limiar da Trilogia": três artistas superam todos os limiares e criam

Tipo Melo:	Internet	Data Publicação:	21/03/2022
Melo:	Jornal Económico Online (O)	Autores:	Ana Pina

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=e952171a>

Já inaugurou o primeiro de três atos do ciclo colaborativo da Fidelidade Arte com o Manicómio. Anabela Soares, Micaela Fikoff e Pedro Ventura são os artistas em destaque no espaço Fidelidade Arte, em Lisboa.

Começamos por invocar as palavras de Sandro Resende, diretor artístico do Manicómio. Limiar da Trilogia não "é uma exposição de arte bruta e muito menos uma exposição da marginalização". Está, contudo, centrada na ideia de limiar : o limiar social, o limiar criativo, o limiar das barreiras mentais, do preconceito ou ideias feitas.

Mas limiar também significa, em sentido figurado, começo, princípio. Este é, pois, o começo de algo. Mais concretamente do momento inaugural do ciclo que vai decorrer até 16 de setembro e que resulta da colaboração entre a Fidelidade Arte e o Manicómio, responsável pela curadoria deste "Limiar".

O público pode agora ver os trabalhos em escultura, desenho e vídeo de Anabela Soares, Micaela Fikoff e Pedro Ventura, os artistas escolhidos para integrar o primeiro de três atos, patente até 20 de maio no espaço Fidelidade Arte, em Lisboa, com entrada gratuita.

O Manicómio é um projeto que visa dar visibilidade e reconhecimento aos artistas que são excluídos do mundo da arte devido à sua doença mental. Esta exposição insere-se na estratégia do Programa de Responsabilidade Social da Fidelidade que acompanha o Manicómio desde a sua génese. "É um projeto sério, em que o artista está em primeiro lugar", como sublinha Ana Fontoura, diretora do Gabinete de Responsabilidade Social do Grupo Fidelidade.

A exposição "Limiar da Trilogia - Ato 1" decorre até dia 20 de maio no espaço Fidelidade Arte, em Lisboa, e tem entrada gratuita.

Biografia dos artistas presentes no Ato 1

Anabela Soares: Nasceu em 1969, em Anadia, Portugal. Iniciou o seu percurso no ateliê de arte do Centro Hospitalar Psiquiátrico de Lisboa (CHPL), em 2013, e integrou a exposição coletiva "Deslocado" (2015) no Pavilhão 31 (CHPL) em Lisboa, com a sua escultura "Urso", em conjunto com artistas brasileiros, como Alexandre Baltazar e Rafael Uzai. Expôs diversas esculturas na coletiva "Entrevista" (2016), no mesmo local, na qual também participou Emir Kusturica. Também integrou as exposições coletivas "insubordinar" (2019) no Espaço Fidelidade Chiado8 Arte Contemporânea e "Incómodo" (2020) no Museu Municipal de Faro.

A sua primeira exposição individual "Os Monstros", teve lugar na Casa Família Oliveira Guimarães em Penela (2019), seguida de "O dia em que perdi o pé" (2020), no Museu Bordalo Pinheiro, em Lisboa. Em 2021, expôs no Museu de São Roque, em Lisboa, enquadrada no projeto coletivo "O Outro como epifania do belo". É coautora dos vídeos-arte "Arte" e "Pátio das Emoções", e está presente em diversas coleções privadas de arte. É representada pelo Manicómio desde 2018.

Micaela Fikoff: Nasceu no Rio de Janeiro, Brasil, em 1965, mas está desde sempre ligada a Portugal. Formou-se em design têxtil pela Polimoda em Florença, Itália, e a sua abordagem das cores é a sua imagem de marca. Reside em Lisboa, é artista Manicómio desde o início de 2021 e tem vindo a redescobrir-se no bordado.

Pedro Ventura: Nasceu em 1978, em Alenquer, e diz ser um sonhador. Já foi empregado fabril, mais tarde abraçou as letras e publicou um livro intitulado "Isso Toda a Gente Sabe", pela Editora Chiado, e vestiu a pele de letrista no álbum "Capaz", em parceria com o músico Senhor Vulcão, CD editado por Manicómio, estrutura que o representa desde 2018. Como artista plástico, participou em várias exposições coletivas, nomeadamente na LX Factory, Bienal de Ourém, "Hospital" no Panóptico do Hospital Miguel Bombarda, Museu do Oriente, Museu Soares dos Reis, Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa, Pavilhão do Conhecimento ou, mais recentemente, em 2020, no Museu Municipal de Faro. Está representado em coleções particulares.

Próximos Atos "Limiar da Trilogia":

Ato 2

27 de maio a 15 de julho de 2022

Artistas: Bráulio, Carolina Carvalho e Cláudia R. Sampaio

Ato 3

22 de julho a 16 de setembro de 2022

Artistas: Filipe Cerqueira, Joana Ramalho e Zé dos Castelos

Ana Pina

Fidelidade promove exposição colectiva com curadoria do Manicómio

Tipo Melo: Internet Data Publicação: 18/03/2022

Melo: Marketeer Online

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=e82baba3>

Arranca hoje a exposição colectiva "Limiar da Trilogia - Ato 1", promovida pela Fidelidade Arte e com curadoria do Manicómio - projecto dedicado exclusivamente a artistas que experienciam ou já experienciaram doença mental. Patente no número 8 do Largo do Chiado, em Lisboa, até 20 de Maio, é de entrada livre e representa apenas o primeiro capítulo de uma iniciativa que se irá desdobrar em três momentos expositivos até 16 de Setembro.

No geral, "Limiar da Trilogia" tem por base o conceito de limiar - seja social, criativo ou da percepção humana. Segundo a organização, todos estes limiares estão presentes na relação do indivíduo consigo mesmo ou com o outro.

É uma exposição de arte bruta e muito menos uma exposição da marginalização , conta Sandro Resende, director artístico do Manicómio. De acordo com o mesmo responsável, a criação artística que apresentam não tem rótulos, sendo a partir dessa premissa que gostam de trabalhar. É, sobretudo, um hino ao fazer, sem rótulos ou tendências históricas, sem a preocupação de se ser aquilo que não somos .

Em "Limiar da Trilogia - Ato 1", surgem trabalhos dos artistas Anabela Soares, Micaela Fikoff e Pedro Ventura, desde escultura a desenho ou vídeo.

Ana Fontoura, directora do Gabinete de Responsabilidade Social do Grupo Fidelidade, explica que o Manicómio trabalha a inclusão social destes artistas como profissionais que são dando-lhes a dignidade, respeito e a recompensa que merecem . Em comunicado, sublinha que se trata de um projecto sério, em que o artista está em primeiro lugar .

Marketeer

A arte no limiar da mente, os filhos do colonialismo e Menez: três exposições a não perder

Tipo Meio: Internet

Data Publicação: 18/03/2022

Meio: Observador Online

Autores: Alexandra Carita

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=dd24c75b>

Sugestões a ver: três visões distintas da criatividade que parte de doenças mentais; uma reflexão criativa sobre o passado que gerou o presente da Europa; e o regresso a um nome de referência.

Tem acesso livre a todos os artigos do Observador po...



Uma exposição em três actos toma conta do espaço Fidelidade Arte, no Chiado, em Lisboa, durante os próximos seis meses. São nove artistas do projecto criativo Manicómio, que quer assim “emancipar-se” da ideia de arte bruta. “Isto é arte contemporânea, pura e dura.”

A loucura nossa de cada dia chega ao Chiado

Alexandra Prado Coelho (Textos)
Matilde Fieschi (Fotografias)

O trabalho desenvolvido por Sandro Resende e José Azevedo com o projecto Manicómio, lançado em 2019, teve sempre como objectivo usar a arte para acabar com o estigma associado à doença mental. Depois da morte de José, no ano passado, Sandro continua esse caminho, com uma equipa que inclui já 15 pessoas.

“Estamos a mudar o ADN do Manicómio”, diz. E a exposição que inaugura hoje (aberta ao público a partir de dia 21) no espaço Fidelidade Arte, no Chiado, em Lisboa, pretende ser um momento central para assumir essa mudança. É tempo, acredita Sandro, de deixamos de associar a arte feita por pessoas com experiência de doença mental à chamada Arte Bruta. “O que vamos apresentar é arte contemporânea, pura e dura. Esta trilogia é o grande momento de emancipação do Manicómio como arte contemporânea. Espero que, de uma vez por todas, as pessoas comecem a olhar para eles como artistas que são.”

Chamada *Limiar da Triologia*, a exposição divide-se em três momentos e apresenta, no total, nove artistas. Neste primeiro momento, que pode ser visto até 20 de Maio, são apresentadas as obras de Anabela Soares, Micaela Fikoff e Pedro Ventura; a partir de 27 de Maio chegam os trabalhos de Carolina Carvalho, Cláudia R. Sampaio e Bráulio; e por fim, a 22 de Julho, estreia a terceira e última parte da trilogia, com Joana Ramalho, Filipe Cerqueira e Zé dos Castelos.

Não estamos aqui no cenário de pessoas com doença mental que participam em ateliers criativos em hospitais (um trabalho que continua também a ser feito). Os nove artistas escolhidos para participar no *Limiar da Triologia* assumem-se como profissionais e trabalham no espaço do Manicómio, no Beato, de forma regular. “Isto é um trabalho de atelier, vêm cá, sentam-se, cumprem objectivos, são apresentados em galerias, museus, exposições. Aquela coisa do artista que vive isolado, fechado num case, a desenhar compulsivamente, não se vê aqui”, sublinha Sandro.

Há dias que correm melhor, outros que correm pior, crises de inspiração, momentos únicos de produtividade, o mesmo que acontece com qualquer artista. “A arte é muito dura, o trabalho, quando não sai, é muito duro e é preciso terem muita coragem para o mostrar. É um acto corajoso, por isso é que digo que não tem nada de terapêutico. Tem a ver com as angústias artísticas de qualquer pessoa e isso não é terapêutico.”

Este lado profissional do Manicómio tem vindo a ganhar uma relevância cada vez maior, com a criação também de uma área de design gráfico



Sandro Resende continua o projecto, depois da morte de José Azevedo no ano passado, com uma equipa que inclui já 15 pessoas

fico, ligada à edição de livros, entre outros projectos. A par disso, foi lançada em Fevereiro uma iniciativa em parceria com a Ordem dos Médicos concretizada na mostra artística Symposium da Loucura, inaugurada com uma exposição do artista plástico Daniel Arthur, e que inclui ainda videoarte, um concerto, uma performance gastronómica e uma conferência.

No Manicómio, trabalhando para a exposição no Chiado e dando entrevistas, os nove artistas alternam entusiasmo e angústia, alegria e ansiedade. Sabem que conseguir chegar aos outros é mais importante que as dúvidas ou o medo. Talvez o que melhor resume essa luta constante seja um dos desenhos de Joana Ramalho, que, na sua caligrafia rigorosa, numa procura constante de perceber quem é, escreve: “É preciso continuar, não devo continuar, mas preciso continuar.”

A loucura nossa de cada dia chega ao Chiado

Tipo Meio:	Internet	Data Publicação:	18/03/2022
Meio:	Público Online	Autores:	Alexandra Prado Coelho

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=8e9496a6>

Uma exposição em três actos toma conta do espaço Fidelidade Arte, no Chiado, em Lisboa, durante os próximos seis meses. São nove artistas do projecto criativo Manicómio, que quer assim "emancipar-se" da ideia de arte bruta. "Isto é arte contemporânea, pura e dura."

O trabalho desenvolvido por Sandro Resende e José Azevedo com o projecto Manicómio, lançado em 2019, teve sempre como objectivo usar a arte para acabar com o estigma associado à doença mental. Depois da morte de José, no ano passado, Sandro continua esse caminho, com uma equipa que inclui já 15 pessoas.

Alexandra Prado Coelho



Micaela Fikoff e as caras que são a sua

Quando ultrapassou o bloqueio criativo, percebeu que o que lhe interessava era desenhar rostos.

Houve uma altura em que Micaela estava bloqueada. Tinha vindo do Brasil para Portugal, entrara no Manicómio (faz agora um ano), tentara continuar as pinturas que fazia antes, sobre tecido, e nada parecia fazer sentido. “Muitos dos desenhos que fiz nessa altura foram parar ao lixo”, recorda. “Estava numa insatisfação comigo e com a minha vida e isso reflectia-se nos meus trabalhos.”

Começou a bordar e mostrou a Sandro o resultado. “Acabei encontrando esses retalhos de tecido, gostei da forma deles, cada um tinha uma cor e tive a ideia de fazer retratos.” Quando Sandro os viu gostou, mas gostou especialmente do avesso. Nasceu assim a colecção *Meus Avessos*. “Despertou qualquer coisa em mim e a partir daí só desenho rostos, é o meu único tema.”

Os desenhos imitam o bordado, com os mesmos traços como se fossem um avesso, e são já perto de uma centena. Intitulam-se *Traços Marginais* porque Micaela parte de fotografias de pessoas marginalizadas. “De certa forma, ao chegar a Portugal, senti-me um pouco marginalizada”, confessa.

Na Fidelidade, os seus rostos vão encher toda uma sala. Não quer pensar nisso. Dá-lhe ansiedade, algo que, precisamente, o trabalho com o bordado tinha conseguido tirar-lhe. “No bordado, eu não criava



expectativas com o meu trabalho, é uma coisa livre, e de toda a vez que sinto alguma resistência, vou no bordado e é como se ele tivesse vida própria.”

Esse deixar fluir, sem expectativas “em relação a nada, nada”, passou depois para os desenhos. “Acho que é um trabalho emocional junto com o artístico, que estão andando em paralelo.”

Mas, mesmo não querendo antecipar como vai ser a inauguração da exposição, olha para os rostos que nascem dos seus traços e percebe não só que cada um deles é único como que reflectem o seu próprio rosto. “Cada um mostra a emoção que eu tinha em cada dia, um dia estava mais triste, outro menos... acabavam sendo um pouco terapêuticos para mim. O desenho é quase uma foto do meu interior.”



Os desenhos imitam o bordado, com os mesmos traços, como um avesso, e são já uma centena

Fidelidade Arte recebe exposição "Limiar da Trilogia"

Tipo Melo: Internet Data Publicação: 17/03/2022

Melo: CNC - Centro Nacional de Cultura Online - E-Cultura Online

URL: <https://www.e-cultura.pt/evento/24907>

A Fidelidade Arte inaugura, no próximo dia 18 de março, uma exposição coletiva intitulada LIMIAR DA TRILOGIA que decorrerá em 3 atos - 3 momentos expositivos até 16 de setembro.

18 Mar a20 Mai

Fidelidade Arte Largo do Chiado, 8 1249-125 Lisboa

Preço

Entrada livre

A exposição LIMIAR DA TRILOGIA está centrada na ideia de Limiar: o limiar social, o limiar criativo, o limiar da percepção humana, todos eles presentes na relação do indivíduo consigo mesmo ou com o outro. No confronto com as barreiras mentais e sociais, este 'limiar compósito' apresenta-se como uma linha forte e coerente, expressa no trabalho dos artistas do Manicómio, sinal diferenciador do valor artístico e humano em presença.

LIMIAR DA TRILOGIA não "é uma exposição de arte bruta e muito menos uma exposição da marginalização", refere Sandro Resende, diretor artístico do Manicómio.

Apesar do nome da organização que carregam, a criação artística que apresentam "não tem rótulos, sendo a partir dessa premissa que gostam de trabalhar. É, sobretudo, um hino ao fazer, sem rótulos ou tendências históricas, sem a preocupação de se ser aquilo que não somos."

A exposição a apresentar na Fidelidade Arte é um momento marcante para o Manicómio pois, pela primeira vez, será reunido num único espaço e de reconhecidos créditos na programação em arte contemporânea em Portugal, um conjunto significativo de trabalhos desta estrutura artística. Uma etapa de um caminho iniciado formalmente em 2019, que aqui simbolicamente se apresenta trifurcado em três partes.

No primeiro dos 3 Atos que compõem este ciclo colaborativo da Fidelidade Arte com Manicómio participam os artistas Anabela Soares, Micaela Fikoff e Pedro Ventura, com trabalhos em escultura, desenho e vídeo.

A curadoria de LIMIAR DA TRILOGIA é do Manicómio, um espaço de criação e galeria de Arte em Portugal dedicada exclusivamente a artistas que experienciam ou já experienciaram doença mental. Localizado num espaço de trabalho colaborativo em Lisboa, este espaço criativo é um local aberto ao público que fomenta a criatividade e inovação e a cocriação entre artistas e outros agentes.

Manicómio oferece liberdade na prática artística e liberdade na busca do propósito individual, cruzando arte com a saúde mental e os direitos humanos. O projeto resulta de mais de 20 anos de luta pela dignidade e reconhecimento dos artistas que são excluídos do mundo da arte simplesmente por causa da sua doença mental.

Numa estratégia inserida no Programa de Responsabilidade Social, que tem a questão da saúde mental como um dos seus objetivos e preocupações prioritárias, a Fidelidade acompanha o Manicómio desde a sua génese, apoiando-o em diversos projetos.

Ana Fontoura, diretora do Gabinete de Responsabilidade Social do Grupo Fidelidade, reforça que "o Manicómio trabalha a inclusão social destes artistas como profissionais que são dando-lhes a dignidade, respeito e a recompensa que merecem. É um projeto sério, em que o artista está em primeiro lugar. Basta visitar o cowork NOW do Beato para ver a alegria e descontração vivida por estes homens e mulheres, focados nos seus trabalhos de escultura, desenho, pintura".

A exposição LIMIAR DA TRILOGIA - ATO 1 estará patente ao público entre 18 de março e 20 de maio, com entrada gratuita.

Sobre os Artistas:

Anabela Soares

Nasceu em 1969, em Anadia, Portugal. Anabela começou no atelier de arte do Centro Hospitalar Psiquiátrico de Lisboa (CHPL) em 2013. A sua escultura "Urso" integrou a exposição coletiva Deslocado (2015) no Pavilhão 31 (CHPL) em Lisboa, com diversos artistas brasileiros, como Alexandre Baltazar e Rafael Uzai. No mesmo local teve diversas esculturas na exposição coletiva Entrevista (2016) com Emir Kusturica. Fez parte das exposições coletivas insubordinar (2019) no Espaço Fidelidade Chiado8 Arte Contemporânea e Incómodo (2020) no Museu Municipal de Faro.

Teve a sua primeira exposição individual Os Monstros na Casa Família Oliveira Guimarães em Penela (2019), seguida de O dia em que perdi o pé (2020), no Museu Bordalo Pinheiro em Lisboa. Em 2021, esteve exposta no Museu de São Roque, em Lisboa, integrada no projeto coletivo O Outro como epifania do belo. É coautora dos vídeos-arte "Arte" e "Pátio das Emoções". Está presente em diversas coleções privadas de arte. É representada pelo MANICÓMIO desde 2018.

Micaela Fikoff

Micaela Fikoff nasceu no Rio de Janeiro em 1965, mas a sua ligação com Portugal existe desde sempre.

É formada em design têxtil pela Polimoda em Florença, Itália, e a forma de como aborda as cores sempre foi a sua característica mais marcante, combinadas a traços bem naif.

Reside em Lisboa e é artista MANICÓMIO desde o início de 2021, redescobrimo-se no bordado.

Pedro Ventura

Nasceu em 1978, em Alenquer, e define-se como um sonhador. Com um percurso errático que se estende desde a sua função como empregado fabril até ao seu trabalho como escritor, publicou um livro intitulado Isso Toda a Gente Sabe, pela Editora Chiado. Participou como letrista no álbum Capaz, em parceria com o músico Senhor Vulcão, CD editado por MANICÓMIO, estrutura que o representa desde 2018.

Como artista plástico, participou em várias exposições coletivas, das quais se destacam: LX Factory, Bienal de Ourém, Hospital no Panóptico do Hospital Miguel Bombarda, Museu do Oriente, Museu Soares dos Reis, Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa, Pavilhão do Conhecimento ou, mais recentemente, em 2020, integrando Incómodo, no Museu Municipal de Faro. Está representado em coleções particulares.

Próximos Atos LIMIAR DA TRILOGIA:

Ato 2

27 de maio a 15 de julho de 2022

Artistas: Bráulio, Carolina Carvalhal e Cláudia R. Sampaio

Ato 3

22 de julho a 16 de setembro de 2022

Artistas: Filipe Cerqueira, Joana Ramalho e Zé dos Castelos

Horário da exposição: Dias úteis, das 11h às 19h.

Sobre a Fidelidade

Fundada em 1808, a Fidelidade é a seguradora líder de mercado em Portugal, nos ramos vida e não vida, com uma quota de 28% em 2020, estando presente em Angola, Cabo Verde, Moçambique, Espanha, França, Macau, Perú, Bolívia, Paraguai e Chile. A agência de notação Fitch classificou a Fidelidade com a avaliação ('rating') "A stable (IFS)" e "A -stable (IDR)", notação das mais elevadas no panorama empresarial nacional, destacando a elevada capitalização da Companhia, nomeadamente, o rácio de solvência e a solidez da sua carteira de investimentos.

Com 2,3 milhões de clientes em Portugal e mais de 7 milhões em todo o mundo, a Fidelidade conduz a sua atividade com uma estratégia de "Customer Centric Approach" e, através de uma rede de distribuição e canais de elevada dimensão e capilaridade, garante aos consumidores, uma experiência integrada e personalizada, independentemente do canal utilizado.

A Fidelidade é guiada por valores que a definem desde sempre: experiência, inovação, superação e proximidade e, já este ano, foi reeleita Escolha do Consumidor na categoria de "Seguradoras", "Marca de Confiança" e Seguradora mais Reputada em Portugal.

Apoiar o desenvolvimento e a construção de uma sociedade sustentável é parte essencial da sua política de Responsabilidade Social, que é consubstanciada no Programa Fidelidade Comunidade, que distingue entidades que trabalham nas áreas do envelhecimento, prevenção em saúde e inclusão de pessoas com deficiência ou incapacidade.

www.fidelidade.pt

Tweet



7 — EXPOSIÇÕES



CASCAIS

Menez

Cores fortes, mistérios maiores

**Uma bela cenografia para redescobrir
uma pintora extraordinária e intimista,
amiga próxima de Paula Rego**

Os trabalhos de Menez ocupam uma sala, mas é considerável o impacto do reencontro – ou do primeiro enfrentamento –, com estas pinturas, acompanhadas de gravuras, painel de azulejos (com clara filiação n'A Dança de Matisse) e de um desconcertante cubo pintado. A exposição altera a perceção que fomos costurando sobre a artista como a produtora de obras figurativas de pequena escala e feminilidade ambígua. As pinturas de Menez demonstram pujança e poderio, impressionante domínio da técnica, arrojo cromático e grande escala, muitas explorando os limites da abstração e do figurativismo – sobretudo no trabalho produzido nas décadas de 1960 e 1970, antes de a artista chegar às figuras femininas em paisagens fechadas, ou acompanhadas por elementos arquitetónicos e jogos de perspetiva. Fascinantes também as obras dedicadas ao atelier e ao gesto autobiográfico da pintura, reveladoras da interioridade psicológica de Menez: eu pinto-me a pintar a pintar a pintar...

Maria Inês da Silva Carmona Ribeiro da Fonseca (1926–1995) começou a pintar regularmente aos 26 anos, sem educação formal. Paula Rego, amiga próxima, chegará a dizer que ia muitas vezes ao atelier de Menez e que lhe 'roubava' as ideias, conta a curadora Catarina Alfaro. Esta sublinha ainda que a "originalidade e difícil enquadramento da sua pintura, que tanto a coloca como protagonista do expressionismo e abstracionismo lírico como, nos seus trabalhos finais, representante da Nova Figuração, muito se deve à sua compreensão da pintura como processo de afirmação pessoal, capaz de transmitir a sua visão do mundo". Mais tarde, com recurso a cenografias enigmáticas e às posturas corporais das pinturas da Renascença italiana, a pintora completou um universo intimista, misterioso, algo trágico, poético, indizível. — **Sílvia Souto Cunha**

Casa das Histórias Paula Rego > Av. da República, 300, Cascais > T. 21 482 6970 > até 2 out, ter-sáb 10h-18h > €5



LISBOA

LIMAR DA TRILOGIA

A curadoria pertence ao Manicómio, o espaço colaborativo de radical liberdade para artistas diagnosticados com doença mental, que muito contribuiu para a sua antiestigmatização e para o estabelecimento de condições de trabalho, sob a direção de Sandro Resende. E esta exposição – a primeira de um ciclo com três momentos curatoriais que duram até setembro – conta com trabalhos em escultura, desenho e vídeo, que, pela primeira vez, assim se apresentam num espaço com créditos firmados no circuito expositivo contemporâneo da capital. Ou seja, visibilidade e legibilidade sem preconceitos. Leia-se, limiares derrubados, limiares explorados. Os três artistas escolhidos para *Limiar da Trilogia* são Anabela Soares, cujas esculturas de barro explorando medos próprios e coletivos têm feito um percurso sólido, e que agora explora outros materiais e escalas; Micaela Fikoff, que apresenta obras intervencionadas com têxteis, resultando em retratos evocativos de questões identitárias; e ainda Pedro Ventura, artista pluridisciplinar que tem trabalhado com texto ou desenho, e aqui está igualmente presente com obras em vídeo. — **S.S.C.**

Fidelidade Arte > Lg. do Chiado, 8, Lisboa > T. 96 475 7929 > 21 mar–20 mai, seg–sex 11h–19h > grátis

Fidelidade Arte recebe exposição "Limiar da Trilogia"

Tipo Melo:	Internet	Data Publicação:	14/03/2022
Melo:	Cultura e Não Só! Online	Autores:	António Murteira da Silva

URL: <http://www.pt.cision.com/s/?l=1746ba11>

A Fidelidade Arte inaugura, no próximo dia 18 de março, uma exposição coletiva intitulada Limiar da Trilogia que decorrerá em 3 atos - 3 momentos expositivos até 16 de setembro.

A exposição Limiar da Trilogia está centrada na ideia de Limiar: o limiar social, o limiar criativo, o limiar da percepção humana, todos eles presentes na relação do indivíduo consigo mesmo ou com o outro. No confronto com as barreiras mentais e sociais, este 'limiar composto' apresenta-se como uma linha forte e coerente, expressa no trabalho dos artistas do Manicómio, sinal diferenciador do valor artístico e humano em presença.

Limiar da Trilogia não "é uma exposição de arte bruta e muito menos uma exposição da marginalização", refere Sandro Resende, diretor artístico do Manicómio.

Apesar do nome da organização que carregam, a criação artística que apresentam "não tem rótulos, sendo a partir dessa premissa que gostam de trabalhar. É, sobretudo, um hino ao fazer, sem rótulos ou tendências históricas, sem a preocupação de se ser aquilo que não somos."

A exposição a apresentar na Fidelidade Arte é um momento marcante para o Manicómio pois, pela primeira vez, será reunido num único espaço e de reconhecidos créditos na programação em arte contemporânea em Portugal, um conjunto significativo de trabalhos desta estrutura artística. Uma etapa de um caminho iniciado formalmente em 2019, que aqui simbolicamente se apresenta trifurcado em três partes.

No primeiro dos 3 Atos que compõem este ciclo colaborativo da Fidelidade Arte com Manicómio participam os artistas Anabela Soares, Micaela Fikoff e Pedro Ventura, com trabalhos em escultura, desenho e vídeo.

A curadoria de Limiar da Trilogia é do Manicómio, um espaço de criação e galeria de Arte em Portugal dedicada exclusivamente a artistas que experienciam ou já experienciaram doença mental. Localizado num espaço de trabalho colaborativo em Lisboa, este espaço criativo é um local aberto ao público que fomenta a criatividade e inovação e a cocriação entre artistas e outros agentes.

A exposição Limiar da Trilogia - Ato 1 estará patente ao público entre 18 de março e 20 de maio, com entrada gratuita.

Antonio Murteira da Silva